

# Entre o público e o privado: rituais no processo de luto parental

*Ana Maria Rodrigues Franqueira<sup>1</sup>*

**Resumo:** O presente artigo é parte de pesquisa mais ampla sobre o processo de luto de pais que perderam filhos por acidente de trânsito. O objetivo deste estudo foi investigar o papel dos rituais no processo de luto de pais que passaram por esta experiência. Foram entrevistados 10 sujeitos, dois pais e oito mães. As entrevistas foram analisadas pelo método de análise de conteúdo. Os resultados obtidos indicam a privatização da experiência do processo de luto: o que era antes uma experiência pública, atualmente é vivenciada por meio de rituais reservados; de forma solitária e individual. Os pais enlutados criam rituais e práticas, particulares e originais, mas ao mesmo tempo repletas de sentido, de forma a manter o vínculo com seus filhos falecidos. Alguns entrevistados construíram memoriais nos locais dos acidentes com o objetivo de tornar visíveis suas perdas, deslocando o sofrimento da esfera privada para a pública e gerando uma experiência compartilhada. Foi ressaltada ainda a importância da participação de familiares e amigos nos rituais fúnebres, um fator de proteção para o desenvolvimento do processo de luto saudável.

**Palavras-chave:** luto; morte; rituais.

## Between Public and Private: Rituals in Parental Mourning Process

**Abstract:** The present article is part of a broader research on the mourning process of parents who lost their children in traffic accidents. The purpose of this study was to investigate the role of mourning rituals of parents who have undergone this experience. The authors interviewed 10 subjects – 2 fathers and 8 mothers – and analyzed the interviews using the content analysis method. The results show the privatization of the mourning process: what used to be a public affair is currently experienced through reserved rituals, in a lonesome and individual fashion. Mournful parents create rituals and routines, both particular and original yet full of meaning, in order to maintain a bond with their deceased children. Some interviewees built memorial shrines at the sites of the accidents aiming to display their loss, shifting suffering from the private sphere to the public sphere, generating a shared experience. The authors also stress the importance of the participation of family and friends at funeral rituals, a protection factor for the development of a healthy mourning process.

**Keywords:** mourning; death; rituals.

## Introdução

A morte prematura do filho Emiliano, com apenas três meses de idade, inspira o poeta Fagundes Varela a escrever o que viria a ser seu mais famoso poema, cujo nome é “Cântico do Calvário”, em 1863. Nele, o poeta descreve a dor mais terrível de todas, causada pela perda do filho. Ao ler a obra inteira, não há como não se comover pela intensidade do sofrimento narrado do pai em luto, assim como pela beleza da escrita. Segundo relatos, Fagundes Varela

---

<sup>1</sup> Graduada pela UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro), mestre e doutora em Psicologia pela PUC-Rio, psicóloga clínica. E-mail: anarfranq@gmail.com

nunca mais se recuperou dessa perda, passando a levar uma vida boêmia e vindo a falecer aos 33 anos. O poeta travou uma luta contra a solidão e a culpa pela morte do filho. A vida para ele tornou-se sofrimento semelhante ao que passou Jesus a caminho do Monte Calvário, daí o título do poema. Deseja e espera encontrar o filho na eternidade e, por isso, deseja a morte, pois para ele não há saída.

A morte de alguém querido constitui um evento bastante significativo para quem fica, pois inclui uma separação definitiva, que causa dor e sofrimento. No caso de morte de um filho, as repercussões psicológicas e sociais tornam-se bastante graves para os pais enlutados. A perda de um filho é amplamente reconhecida como uma perda que leva a um dos tipos de luto mais profundamente dolorosos, intensos e devastadores e pode afetar as famílias por toda a vida (Denhup, 2017; Neimeyer, 2016; Davies, 2004). Pesquisas realizadas com pais enlutados desde a década de 80 têm mostrado que o desligamento emocional de seus filhos mortos não se configura como um objetivo para pais enlutados, que relatam ter um vínculo emocional forte e duradouro com seus filhos que consideram importante manter (Franqueira; Magalhães e Féres-Carneiro, 2015; Klass, 2015, 2006; Endo, K, Yonemoto, N. & Yamada, M., 2015; Stroebe, M.; Schut, H. & Finkenauer, C., 2013). Por meio de expressões ou sensações pelas quais sentem a presença dos filhos, ou através da comunicação em que acreditam estarem falando com eles, por meio da escrita de cartas, da visitação ao cemitério, eles mantêm a continuação do vínculo emocional com seus filhos (Foster et al., 2011).

Grandes mudanças são observadas na relação da sociedade ocidental com os temas da morte e do luto nos últimos anos. Como afirma Koury (2003), a dessacralização da morte produziu a privatização da experiência do luto; a sociedade se afastou da morte, não acompanha mais os moribundos e, em consequência, não mais ritualiza esse momento. Manter a dignidade e o controle das emoções tornaram-se as condutas ideais e esperadas de alguém que participa dos rituais fúnebres e de quem sofre uma perda. A discrição na manifestação das emoções foi apontada como comportamento ideal por 77.6% dos sujeitos entrevistados na pesquisa de Koury (2003). Em outra pergunta, sobre qual deveria ser a atitude das pessoas em relação à outra que sofre uma perda, 72.1% responderam “não importunar”, enquanto somente 18.7 % responderam “dar apoio”. Essa economia das emoções é demonstrada pelas pessoas que comparecem aos rituais, como velório e enterro, sendo aconselhável que deixe o enlutado vivenciar sua perda de forma privada nos dias seguintes. Para Elias (2001), o silêncio da comunidade se dá por um desconforto diante de tudo que se refere à morte. Diferentemente dos ritos tradicionais, que forneciam as palavras e os gestos adequados para o momento, hoje falta a espontaneidade diante de alguém que sofre uma perda e o número de palavras para essas ocasiões é relativamente pequeno, ao mesmo tempo em que as fórmulas convencionais já estão ultrapassadas.

Durante muito tempo, os rituais nortearam as relações entre povos e culturas, são práticas repetidas que manifestam a transformação das relações entre os diferentes atores sociais, do nascimento à morte. Para Thomas (1996), a função primordial dos ritos funerários é curar ou prevenir aqueles que a morte atingiu, além de assegurar às pessoas enlutadas que seus mortos terão paz e sobrevivência em outro plano. Peirano (2006) afirma que os rituais podem ser considerados performances, ou seja, são ações repetidas e executadas por um corpo vivo, reunindo os membros da comunidade a fim de partilharem momentos especiais, por meio dos quais atribuem sentido àquela experiência. Os rituais fúnebres cumprem diversas funções, entre elas, uma apresentação do falecido à sociedade onde viveu, um espaço público

para o recebimento das condolências e reconhecimento do lugar que ocupava. Eles vêm sendo usados pelos homens desde os tempos pré-históricos, com o objetivo de lidar com a maior ou menor crise instalada pelas alterações que a morte de uma pessoa ocasiona a seus familiares e ao grupo social ao qual pertence.

Ariès (1977/2012) realiza extensa pesquisa na qual estuda as transformações ocorridas desde a Alta Idade Média até a modernidade no que se refere às atitudes do homem em relação à morte. Ele denomina de morte domada a atitude presente na Alta Idade Média, na qual a morte era esperada no leito, por meio de uma cerimônia pública e organizada e os ritos fúnebres eram aceitos e cumpridos de modo cerimonial. Em meados do Séc. XX, o modo de expressar e compartilhar a experiência da morte começa a mudar e ela se torna um evento vergonhoso e, por isso, objeto de interdição. Passa-se a evitar qualquer emoção excessivamente forte que impeça o homem de levar uma vida feliz. Segundo Ariès (1977/2012), embora os rituais de morte não tenham acabado completamente, sua carga dramática diminuiu. Como consequência do afrouxamento das regras e das convenções sociais, observa-se a diminuição das redes sociais significativas a fim de apoiar o enlutado, que passa a sofrer solitariamente. Observa-se a desritualização do luto, antes uma experiência eminentemente pública e, agora, tratada como um assunto íntimo, privativo.

Em relação à sociedade brasileira, essas mudanças na forma de encarar a morte e o morrer são observadas a partir da segunda metade do século XX, quando se assiste a uma crescente individualização e privatização do sofrimento, por meio do qual os rituais são mais bem aceitos se vivenciados na solidão. Cria-se, assim, uma tensão inexistente anteriormente, entre os espaços público e privado, favorecendo o processo de fragmentação das esferas de vida social e cultural em que os indivíduos se inserem (Koury, 2014). O processo de luto torna-se, assim, um drama pessoal, um momento solitário e até vergonhoso. Os sentimentos de discrição frente a uma pessoa enlutada e de vergonha de sentir-se enlutado marcam o homem contemporâneo e o processo social do sofrimento torna-se esfacelado, permanecendo o sujeito sozinho em seu ritual introspectivo. Para Koury (2014), na sociedade brasileira urbana, observa-se uma tendência de deixar de ser relacional, pois não integra mais os rituais e nem o próprio enlutado às malhas sociais. Segundo o autor, essa tendência orienta toda a sociedade ao lidar com a morte e o processo de luto em tempos atuais. Menezes e Gomes (2011) também apontam para a transformação nas formas de expressão e nas práticas referentes à morte, principalmente no que se refere aos rituais fúnebres. Segundo as autoras, a crescente separação e fragmentação das esferas da vida social, assim como a centralidade dos saberes científicos e biomédicos têm produzido significativas transformações na forma pela qual a sociedade ocidental lida com os moribundos, os mortos e com os rituais.

A forma como o enlutado manifesta suas emoções depende do contexto sociocultural no qual está inserido, o qual fornece códigos que ditam a maneira pela qual a sociedade e os próprios enlutados devem se comportar (Neimeyer, Klass e Dennis, 2014). A cultura contemporânea individualista interpreta o luto como um fenômeno meramente psicológico, interpretativo e privado. Porém, cada vez mais a realização de rituais tem sido uma prática valorizada pelas teorias psicológicas contemporâneas. Os rituais cumprem a função de dar sentido às mudanças mais significativas decorrentes da perda da pessoa amada, ao mesmo tempo em que conferem sensação de continuidade entre o que aconteceu e o que acontecerá após a perda. Segundo Segalen (2002), é a dimensão simbólica dos rituais, como conjunto de atos, que confere a eles a crença em seus efeitos.

Diante deste cenário contemporâneo de privatização da experiência do luto, surgem rituais que têm como objetivo levar o pesar da esfera íntima e privada para o espaço público, a fim de anunciar para a sociedade que aquela perda aconteceu e que aquela pessoa se retirou da sociedade, exigindo dela uma nova organização. Entre eles, Pinho (2015) cita as tatuagens *in memoriam*; a criação do perfil da pessoa morta (*dead profiles*) em redes sociais virtuais; e os tributos prestados espontaneamente em espaços públicos, tal como a *ghost bike* (bicicleta fantasma), que se caracteriza por colocar uma bicicleta branca no local onde um ciclista foi morto por um veículo motorizado. O espaço representa um memorial, expondo às pessoas o que se passou ali. Na maioria dos casos, uma placa é presa à bicicleta, com o nome do ciclista morto e a data a morte ([https://pt.wikipedia.org/wiki/Bicicleta\\_fantasma](https://pt.wikipedia.org/wiki/Bicicleta_fantasma)).

Santino (2006) denomina “altares espontâneos” (p.51) os memoriais que são construídos nas cidades para marcar os locais das mortes. Eles sinalizam a separação entre a dor privada, sentida pela pessoa enlutada, e o sentimento de luto coletivo; entre memória individual e memória coletiva; entre espaços público e privado. Por meio dos altares, o pesar pela perda de uma pessoa querida torna-se público. Em acidentes automobilísticos, frequentemente, são colocadas cruzes, velas ou flores nos locais em que eles ocorreram. Além de fazerem homenagem, eles têm a função de mostrar que essas mortes poderiam ter sido evitadas (Grisales, 2014). Walter (2008) denomina enlutamento público as vivências coletivas que, por meio de ações dirigidas à comunidade, como, por exemplo, a construção de altares públicos nas estradas rodoviárias em que ocorreram as mortes, manifestam publicamente as circunstâncias violentas daquelas mortes que poderiam ter sido evitadas.

Quanto mais destruturante é um evento, maior a necessidade de ritualização se faz presente a fim de alcançar a totalidade perdida a partir dele. No caso de perda de filhos, além da perda em si, invertendo a ordem natural do ciclo de vida, as circunstâncias da morte podem gerar dificuldades no desenvolvimento do processo de luto. Mortes violentas, repentinas e prematuras são apontadas como fatores de risco para o enlutado, pois nem sempre permitem os rituais de despedida e não preparam psicologicamente o enlutado (Worden, 1998). Entre mortes violentas, traumáticas e repentinas encontram-se as mortes por acidentes de trânsito. As Nações Unidas proclamaram 2011-2020 a década de ação pela segurança no trânsito. As principais pessoas atingidas por essa violência são os jovens entre 15 e 29 anos de idade (Waiselfisz, 2013). Essas mortes trazem à tona o luto parental, que exige dos pais estratégias de enfrentamento e adaptação (Denhup, 2017; Neimeyer, 2016; Lichtenthal; Neimeyer; Currier & Jordan 2013).

Em contato com pais e mães enlutados que perderam seus filhos em acidentes de trânsito e que participavam do grupo NAVI (Núcleo de Apoio à Vítima de Trânsito), realizado no Detran (Departamento de Trânsito), na cidade do Rio de Janeiro, frases do tipo “eu me sinto um cadáver”; “eu sangro muito por causa da minha dor”, “dor que não cicatriza”, “eu não entendo como foi acontecer com ele”, “esse espaço é nosso, podemos expressar sem crítica e com respeito”, “a gente vai se acostumando com o saco de cimento nas costas” iam ao encontro de artigos e trabalhos lidos até ali e manifestavam sentimentos, reações e comportamentos dos enlutados frente a sua dor e diante de uma sociedade que não os acolhe. Em muitos encontros, os pais relatavam que somente ali podiam manifestar o desejo de morrer ou somente ali se compreenderia cantar parabéns para a filha que estaria completando 26 anos, caso não tivesse sido atropelada na calçada. Frequentar esse grupo nos instigou a aprofundar o tema do espaço que é dado aos enlutados para falar de suas perdas na sociedade atual, assim como investigar

os rituais fúnebres construídos por eles. Assim, este artigo, que é parte da tese de doutorado intitulada “À flor da pele”: Entre ritos e sentidos do luto parental”, defendida em 2017, tem como objetivo investigar o papel dos rituais no processo de luto de pais que perderam filhos em acidentes de trânsito.

## Método

Participaram do estudo dez pais, sendo oito mulheres e dois homens. As idades dos filhos variam de 16 a 42 anos. Embora todos os filhos dos sujeitos da pesquisa tenham morrido em decorrência de acidente de trânsito, sete deles morreram no local do acidente e três foram resgatados com vida, vindo a falecer alguns dias depois.

### Dados biográficos dos participantes

Participante	Estado Civil	Escolaridade	Tempo decorrido da perda	Gênero Filho	Idade ao morrer	Outros filhos	Contexto da morte
Adriana	Casada	Superior aposentada	13 anos	Masculino	16	Sim	Passageiro
Gabriela	Separada	Superior incompleto	3 anos	Masculino	17	Não	Atropelamento
Maria	Separada	Ensino médio	6 anos	Feminino	23	Não	Atropelamento
Elisa	Casada	Ensino médio	15 anos	Masculino	20	Sim	Condutor
Felipe	Casado	Superior aposentado	14 anos	Masculino	20	Sim	Passageiro
Cláudio	Casado	Superior aposentado	11 anos	Feminino	17	Sim	Passageiro
Talita	Separada	Superior	6 anos	Feminino	26	Não	Passageiro
Lúcia	Viúva	Superior aposentada	2 anos	Masculino	42	Sim	Condutor
Sueli	Separada	Superior	17 anos	Masculino	18	Sim	Passageiro
Patrícia	Recasada	Superior	5 anos	Feminino	35	Sim	Condutor

Como instrumento de investigação, realizou-se, com cada participante, uma entrevista com roteiro semiestruturado, composto pelos seguintes eixos temáticos: o processo de luto; fatores de proteção e de risco; presença de rituais fúnebres; redes de apoio; especificidades da perda de filho; grupos de suporte ao enlutado.

O projeto de pesquisa que deu origem a este estudo foi aprovado pelo Comitê da Universidade onde foi desenvolvido. Os participantes foram recrutados por meio da rede social da pesquisadora e a partir do contato com o NAVI (Núcleo de Apoio a Vítimas do Trânsito), na cidade do Rio de Janeiro.

As entrevistas foram gravadas, com a autorização dos participantes, tiveram duração média de três horas e ocorreram no consultório da pesquisadora ou nas casas de alguns participantes, de acordo com a preferência e conveniência de cada um. Os entrevistados assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os nomes dos pais utilizados ao longo do trabalho foram devidamente substituídos por nomes fictícios.

O material das entrevistas foi transcrito e submetido ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelos participantes aos fenômenos. Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise (Bardin, 2011).

A partir do material discursivo, emergiram várias categorias de análise. Para atingir o objetivo deste trabalho, será discutida a categoria rituais no processo de luto, que se desdobrou nas seguintes subcategorias: 1) a despedida; 2) rituais públicos; 3) rituais privados.

## **Resultados e discussão**

Os rituais realizados pelos sujeitos da pesquisa revelaram-se fatores de proteção ao processo de luto parental. Em mortes inesperadas, de forma específica, eles cumprem a função de organizar as emoções e permitem que enlutados se despeçam de seus entes queridos.

### **1. A despedida**

A despedida do filho torna-se um momento essencial no processo de luto parental e se configura em um ritual simbólico repleto de significado, principalmente em casos de mortes inesperadas. O adeus ao filho acontece, muitas vezes, nos locais onde ocorreram os acidentes ou nos Institutos Médicos Legais, para onde os corpos são levados e devem ser liberados pelos responsáveis, após seu reconhecimento. Nos relatos dos pais entrevistados, verificou-se a necessidade de falarem sobre o momento em que viram os corpos de seus filhos. Dois pais e uma mãe foram ao local do acidente, pouco tempo depois de ele ter acontecido. Cláudio foi acompanhado de seu filho mais velho. Apesar do choque ao confirmar que era realmente a sua filha que estava morta, Cláudio conseguiu realizar um ritual de despedida no local do acidente.

Eu fiquei no chão com a minha filha, fazendo carinho nela, acariciando, ou seja, me despedindo, eu fiquei o tempo inteiro, sentado no chão, fazendo carinho no rosto dela, de mão dada com ela, o corpo dela quentinho ainda, face lisa, acariciando o cabelo dela e conversando com ela, foi muito importante.

Embora chorando muito ao relatar essa cena, Cláudio fala da importância desse momento com a filha morta, momento em que ele cuida dela e se despede. A partir da descrição, pode-se afirmar que ele realizou um ritual no asfalto. Os rituais fúnebres são momentos de despedida e começam quando as pessoas enlutadas entram em contato com os corpos mortos de seus entes queridos. Os rituais cumprem a função de possibilitar a externalização da dor, da mesma maneira que implicam o reconhecimento de um lugar seguro no tempo para a sua manifestação e seu compartilhamento (Neimeyer, 2007). Felipe e Maria também foram ao local do acidente, logo depois de serem informados por telefonemas que os filhos tinham sofrido um acidente grave. A dificuldade de acreditar na morte dos filhos quando chegam ao local do acidente é verificada em seus relatos, que fornecem a medida do impacto da irrupção daquele evento inimaginável para os pais. Felipe e Maria narram o momento em que chegaram ao local do acidente. “Eu cheguei e ainda vi o XXX (nome do filho) dentro do carro, preso, mas já sem vida. Eu sei que é um chavão, mas ele é mais do que verdadeiro, a ficha demora muito pra cair. Por incrível que pareça fiquei ali, em pé, ao lado do carro com meu filho ali sem vida” (Felipe). “A minha família já estava toda lá, eles estavam numa roda, abraçados e eu descii. Naquele momento, você acredita que eu não consegui chorar, eu olhei pro corpo, eu falei cadê a XXX (nome da filha), cadê a ambulância? E aí eu olhei assim pro corpo, vi o All Star de couro e aí eu sentei no meio-fio e comecei a ligar paras pessoas, eu fugi totalmente” (Maria).

Os relatos de Felipe e Maria demonstram a dificuldade de se conscientizar de um evento tão traumático e doloroso como a morte de um filho de forma inesperada e trágica. Apesar disso, os resultados de pesquisas confirmam que ver o corpo de seus entes queridos mortos é um fator de proteção para os processos de luto das pessoas (Mowl, Lobb e Wearing, 2016; Chaplan e Ziebland, 2010). Logo depois de verem os corpos de seus filhos mortos, ainda em choque, sentimento comum que ocorre com maior frequência em mortes súbitas (Worden, 1998), Felipe e Sueli relatam as experiências de contato dos profissionais que solicitavam que assinassem papéis para receber o seguro ou que comprassem o melhor caixão para seus filhos.

Um cara bateu no meu ombro pedindo para eu assinar o seguro DPVAT, que ele era advogado, eu dei um grito, some daqui que eu não quero ouvir falar neste maldito seguro, se eu assinasse ele ia receber pela gente. Com dez minutos, veio um outro cara, de terno e gravata, com um book de corbélias para a gente escolher, é de uma insensibilidade! É a lei do mercado, é o urubu que fica ali. (Felipe)

Saí de lá, pior, o papa-defunto da funerária, começa com aquele papo da última homenagem que você vai fazer ao seu filho, aí meu marido falou olha só, se tem alguma coisa que meu filho era, era a pessoa mais simples do mundo, eu quero um caixão simples, pode ser esse daqui, o cara queria vender o de jacarandá. (Sueli)

Nos relatos acima, percebe-se a transformação da morte em mais um produto de consumo, característica das sociedades contemporâneas. Da mesma maneira que se vendem estilos de vida, vendem-se também estilos de morte (Veras, 2015). Felipe salienta a “insensibilidade” do profissional que o aborda, denominado por ele de “urubu”, enquanto Sueli o chama de “papa-defunto”. O sentimento de revolta em relação ao profissional que oferece o melhor caixão para seu filho expressa a relação de extrema ambivalência, pois cuidar da morte e do corpo morto, em um momento de extrema dor, parece apontar a crueldade de ganhar dinheiro com tal atividade (Câmara, 2011). Sueli e o marido encontraram o corpo do seu filho já no Instituto Médico Legal (IML). Lá chegando, os pais se depararam com o corpo morto de seu filho.

Sueli se ressentida de não ter podido tocar e cuidar do seu filho, ato natural e esperado de uma mãe e repleto de significado. Além disso, permaneceram pouco tempo com ele, tendo que se dirigir à delegacia para resolver assuntos legais que envolveram o acidente. Essa experiência foi relatada de forma bastante dolorosa por Sueli. “Abriram a terceira gaveta era ele, ele estava com a roupa toda suja de sangue, não tinha nada no corpo, sabe quando você fica querendo ajeitar, colocar o cérebro dentro do ponto, mas não me deixaram tocar nele”.

No relato de Sueli, observa-se o que Martins (2001) denominou maternagem do morto, o ato de cuidar do filho morto da mesma maneira em que era cuidado quando estava vivo. No caso de acidentes, os trâmites para a liberação do corpo encurtam a permanência com o filho morto, gerando bastante frustração por parte dos pais, como observamos no relato de Sueli, que gostaria de ter cuidado do corpo do seu filho. Mowl, Lobb e Wearing (2016) afirmam que ver, tocar, vestir, ou seja, cuidar do corpo do filho morto são atos naturais, esperados e repletos de significado para os pais, apesar de dolorosos. Patrícia teve uma experiência diferente ao chegar ao IML, onde se encontrava o corpo da sua filha. Ela reconheceu e valorizou o trabalho do funcionário do Instituto Médico Legal que, embora não a tivesse deixado ver a filha, preparou cuidadosamente o corpo, deixando sua filha parecendo a “Bela Adormecida”. “Foi uma surpresa para mim, o rosto dela perfeito, pensavam que ia chegar lá caixão lacrado, ela está perfeitinha, colocaram um turbante, umas flores do jeito que ela gostava de colocar no cabelo, parece que adivinharam. Parecia a Bela Adormecida.”

Os relatos de Felipe, Sueli e Patrícia refletem a ambivalência da sociedade contemporânea na relação com os profissionais que cuidam dos corpos de seus entes queridos. Ao mesmo tempo em que a profissão de agente funerário torna-se cada vez mais necessária em uma sociedade que terceirizou os cuidados com seus mortos, porque não tolera mais a morte, a necessidade deste profissional transforma um ato cheio de significação simbólica em uma ação meramente econômica (Câmara, 2011). O sofrimento de uma pessoa enlutada não é mais um problema coletivo e o pesar precisa ser vivenciado de forma rápida e discreta (Koury, 2003; 2014).

## 2. Rituais públicos

Os rituais funcionam como agentes transformadores, principalmente em mortes inesperadas. Ritualizar a morte favorece o processo de luto. Rituais como o velório e enterro se efetuam por meio do reconhecimento público da realidade daquela perda. Além disso, eles têm a função de solidificar os laços de solidariedade do grupo. Por meio da manifestação pública da dor, as pessoas enlutadas sentem-se acolhidas e podem construir algum significado para o evento trágico. O reconhecimento público é um fator importante para que pessoas enlutadas não se sintam isoladas em sua dor e possam contar com a comunidade na qual aquele acidente ocorreu. Os rituais de velório, os memoriais e o ritual de jogar as cinzas, tornam-se significativos no sentido de possibilitar o compartilhamento público dos sentimentos decorrentes da perda.

Os velórios se configuram como uma oportunidade de dar início à despedida. No caso de mortes acidentais, eles se tornam extremamente importantes permitindo à pessoa enlutada vivenciar sua perda. Alguns pais descreveram os rituais de velório, salientando a importância da ajuda de algumas pessoas, sobretudo outros filhos e amigos que cuidaram dos preparativos, já que eles estavam fragilizados emocionalmente para assumir tarefas práticas. Patrícia relata a participação fundamental do filho mais velho. “O XXX (filho) assumiu todo o comando de irmão no velório, no sepultamento, ele parecia um diplomata recebendo todo mundo,

alguém tinha que segurar a onda né?” Adriana também contou com ajuda do outro filho na preparação do ritual. “Esse meu filho foi que resolveu tudo, tenho muita preocupação ainda com ele, porque ele resolveu tudo da morte do outro, arrumou, apanhava roupa aqui comigo, perfume para passar, no IML, 20 anos, muito novo.” Elisa destaca a participação de amigos na preparação do ritual de velório.

Fiquei na minha, chorando, não o vi mais, aí me levaram para casa, um monte de coisa para resolver, amigas que são irmãs foram lá para casa comigo, fomos ver roupa para levar pro XXX (filho).

Nos relatos acima, a importância da atuação de familiares e amigos no processo de liberação do corpo, na escolha das roupas e nas homenagens ao morto durante o ritual do velório é ressaltada. Além de consolar o enlutado, o ritual do velório, momento em que ocorre a última relação com o morto, o reconhecimento dado pela comunidade à perda é bastante importante. Além disso, os cuidados com o morto sinalizam que os vivos estão assegurando aos mortos paz e sobrevivência no além. Dessa forma, o ritual fúnebre implica o apoio solidário e apaziguador dos enlutados fornecido por toda a comunidade (Pinho, 2015). Segundo Martins (2001), os rituais marcam a perda do ente querido, assim como fazem emergir o imaginário coletivo. Mediante os rituais, as pessoas reafirmam sua solidariedade e sua interdependência. Isso é bastante importante nos dias de hoje, em que cada vez mais se observa a individualização das relações.

Novos rituais têm sido inventados a fim de levar o pesar da esfera íntima e privada para o espaço público, contribuindo para registrar, no espaço social, a perda do ente querido. As mortes decorrentes de acidentes de trânsito ocorrem no espaço público, portanto, o ritual público torna-se repleto de significado (Pinho, 2015). Alguns pais entrevistados retornaram ao local do acidente e realizaram uma espécie de homenagem a seus filhos mortos, construindo “altares espontâneos”, para usar a expressão de Santino (2006, p 51). Por meio deles, mostrando à comunidade que ali ocorreu a morte, evidencia-se a importância de trazê-la de volta do espaço privado e íntimo para o espaço público.

Eu fui a uma floricultura, comprei uma rosa branca e fui de carro até lá. Parei e coloquei ali, ainda tinha resto de vidro, algumas pessoas ficaram paradas olhando, algumas vieram conversar comigo, por que eu estava fazendo aquilo. (Felipe)

O canteiro quem criou foi a mãe da XXX (outra jovem que faleceu no mesmo acidente) que era a amiga mais forte da XXX (filha) e obviamente todos nós abraçamos aquilo, nós cotizamos e fizemos aquele gramado em volta e aí anos depois eu fiz aquelas plaquinhas. (Cláudio)

As homenagens de Felipe e Cláudio a seus filhos são demonstrações da tendência contemporânea de expressar a dor no espaço público, observada principalmente a partir do século XIX (Pinho, 2015). Os altares espontâneos (Santino, 2006) são mais do que simplesmente memoriais, eles são importantes para as pessoas enlutadas porque aquele local representa o último lugar no qual o ente querido estava vivo.

O relato de Cláudio destaca a função dos rituais de despedida e sua importância que possibilitam tornar a perda real, exprimir sentimentos e redefinir a relação que se tinha com a pessoa que morreu, auxiliando no enfrentamento da perda e no processo de luto posterior. “No

dia seguinte, eu recebi a urna e fizemos um luau na praia que a XXX (esposa) e a XXX (amiga da família) organizaram, fizeram lá uns balões brancos soltando, numa roda, os amigos todos”.

### 3. Rituais privados

Os rituais privados ganham importância na sociedade atual devido ao afrouxamento das regras e das convenções sociais, que provocou a diminuição das redes sociais significativas, fazendo com que as pessoas enlutadas tenham que vivenciar seu sofrimento de forma privada. Todos os sujeitos da pesquisa construíram modos particulares de vivenciar sua perda e a manutenção do vínculo com o filho que morreu, por meio de rituais privados. Destacam-se como rituais privados os símbolos (objetos e fotografias) e as visitas ao cemitério, que se configuram como formas particulares e criativas de ritualização repletas de sentido e que mantêm o vínculo com seus filhos mortos. Por meio de fotografias e objetos que lembram os entes queridos que se foram, as pessoas enlutadas se conectam a eles, fazendo com que, pelo menos, em seus pensamentos, eles não sejam esquecidos. Para Walter (1999), este comportamento seria uma reação dos enlutados à indiferença sentida por parte da sociedade. Alguns pais deste estudo mantinham, na época da entrevista, objetos e fotografias que ajudavam a preservar a memória de seus filhos mortos.

Não existe um santuário dela, eu tenho uma prateleira com uma foto dela maior, tem meu livro como uma homenagem que eu fiz a ela e tem um negócio de marcenaria que eu fiz para ela, na sala. Não é um altar, mas é um canto dela. (Cláudio)

As coisas dela estão lá, as bonecas, as roupas, eu uso muita coisa, porque eu não lavo, vestido dela eu uso, o que eu pude aproveitar para mim pra ficar com aquele cheiro eu fiquei. (Patrícia)

Tudo eu preservo, aquilo que eu sempre gostei, eu já guardava antes os objetos pessoais dele, tenho o celular que era dele, duas bermudas que ele mais gostava. (Felipe)

Segundo Neimeyer (2007), os rituais têm a função de estabelecer uma conexão com o objeto perdido. Ao invés de romper os laços, manter objetos e fotografias ajuda a consolidar recordações e reconhecer a continuidade da influência que têm os mortos nas vidas dos sobreviventes. Além deles, pais relataram atos que realizam, mesmo após um longo tempo decorrido da morte de seus filhos e que os reconectam a eles.

No primeiro ano, todo dia 17, o dia da morte, eu fazia alguma coisa, ou eu via um filme que a gente gostava de ver, ou fazia um post com uma música que a gente gostava. (Gabriela)

Toda madrugada eu levanto para ficar com ela, para conversar com ela, com as fotos, toda noite, é coisa minha. (Patrícia)

Cláudio e sua esposa organizaram uma festa para doar as roupas de sua filha falecida. “Foi a última festa na república, estava cheio de gente, não cabia mais, tão bonito, tocando violão, o quarto dela tinha umas 50 pessoas, então, as roupas ficaram espalhadas na cama dela e aí nós deixamos quem quisesse pegar.”

Essas narrativas aludem aos rituais privados, como ações que auxiliam na expressão das emoções diante da perda de maneira mais pessoal e caracterizam o tipo de vínculo que se tinha com a pessoa que morreu (Castle & Philipps, 2003). Todos os atos narrados acima têm

a função simbólica de auxiliar o enlutado a reafirmar a relação com a pessoa perdida. Além disso, como bem assinalou Walter (1999), os enlutados encontram maneiras, na sociedade contemporânea, de se defenderem da pressão de vivenciarem rapidamente seu processo de luto, criando comportamentos íntimos que os conectam aos seus mortos queridos.

Um grande número de pais da pesquisa relatou não ir ao cemitério, confirmando a ideia de que o distanciamento da sociedade contemporânea em relação à morte se faz presente. Além de se falar pouco sobre ela, a proximidade com velórios, enterros e cemitérios incomoda. Segundo Ariès (1977/2012), o declínio do culto público dos mortos não implicou indiferença, pois o pesar continua, mas assumiu um caráter íntimo, pessoal e discreto. Os relatos de Lúcia refletem a mudança de atitude do homem contemporâneo em relação à morte. “Não costumo ir não, nunca fui. Não vou porque cemitério e nada é a mesma coisa, não tem nada ali, não curto essa homenagem de uma ausência. Prefiro fazer outros tipos de homenagens, simbólicas.” Gabriela também diz nunca ter ido visitar o túmulo do seu filho. “Nunca fui, não tem importância para mim ele estar lá, vou ter que ir porque depois de três anos eu vou ter que dar um destino para o que está lá, mas o cemitério para mim não tem um significado.”

Três mães da pesquisa vão ao cemitério eventualmente, em datas especiais, como aniversários de morte, festas religiosas, como Natal ou Dia de Finados. Em um grupo de 10 pais enlutados, esse resultado aponta o esvaziamento do ritual de ida ao cemitério, evidenciando uma forma de distanciamento em relação aos mortos. Adriana relata que vai ao cemitério em algumas datas significativas. “Toda data eu vou a cemitério. Vou eu e meu marido, ele sempre vai, eu não, eu vou nos dias, levo uma flor, faço uma oração, vou a uma missa, às vezes, as minhas irmãs vão.” Assim como Maria: “Visitas aos cemitérios nas datas comemorativas, eu levo flores, enfeito, eu converso com ela, sempre eu vou junto de alguém né? A gente sempre fala, às vezes, a gente ri, a gente chora.” Patrícia relata que não tem o hábito de ir: “Já fui umas duas vezes ao cemitério, mas não tenho o hábito de ir não, em datas especiais eu vou, vou quando tenho vontade, fui quando fez um ano, mas depois não. Vou no Natal, aniversário dela.”

Os relatos das mães demonstram que ir ao cemitério seria um esforço para não esquecer seus filhos. A visita feita em aniversários, a colocação de flores ou até mesmo a conversa com o filho são formas de se manter o vínculo mãe-filho. Para Martins (2001), o comportamento das mães quando vão ao cemitério recria as tarefas de maternagem, por meio do qual as mães cuidavam de seus filhos.

## **Considerações Finais**

O estudo dos rituais no processo de luto parental mostra que o sofrimento é relacional e sublinha a importância das relações sociais em um momento trágico, como a morte de um filho em acidente de trânsito. No cenário atual, observa-se o afastamento do homem do sofrimento e a recusa em vivenciar emoções consideradas negativas, entre elas, o pesar advindo de uma perda, que deve ser vivenciado de forma discreta e solitária.

Como consequência dessa atitude do homem contemporâneo, os espaços de compartilhamento do sofrimento tornam-se cada vez mais escassos. Um exemplo deste fenômeno é o esvaziamento dos rituais de luto, que cumpriam função de reconhecimento da perda e de espaço público para a externalização da dor. Dessa maneira, aqueles que vivenciam a morte de pessoas queridas encontram-se solitários, com pouco apoio da comunidade na qual estão inseridos. Quando indagados sobre os rituais que realizam, a totalidade dos pais relatou,

com mais ênfase, os rituais privados, realizados mesmo depois de muito tempo decorrido da morte, em alguns casos. Somente um sujeito da pesquisa narrou ritual coletivo realizado, o de jogar as cinzas da filha no mar.

A maior parte dos rituais, vivenciados na solidão e de forma discreta, como vestir a roupa da filha, escutar uma música ou assistir ao filme de que o filho gostava, mantém a conexão com os filhos, tendo como objetivo honrar suas memórias.

As visitas ao cemitério tornaram-se raras, o que foi observado nos relatos dos pais. A não ser em algumas datas especiais, poucos pais visitam os túmulos de seus filhos, embora esse comportamento tenha se mostrado de valiosa importância para os pais. O cemitério, antes um lugar significativo na relação do homem com a morte, pois sublinhava a separação entre vivos e mortos, tornou-se um espaço invisível, bastante esquecido.

Outro aspecto do cenário contemporâneo destacado na pesquisa é a presença de profissionais que passaram a realizar o trabalho de preparação do cerimonial fúnebre, anteriormente realizado pelos próprios familiares. Presentes desde o local do acidente até o Instituto Médico Legal e velórios, esses profissionais mantêm uma relação ambivalente com a sociedade, pois ao mesmo tempo em que as pessoas sentem-se gratas pelos seus serviços, também sentem raiva e revolta, pois eles refletem a lógica do consumo, que rege a sociedade contemporânea.

Na tentativa de tornar visíveis suas perdas, alguns pais relataram a construção de memoriais nos locais dos acidentes, tendência cada vez mais presente na sociedade contemporânea. Por meio deles, os pais enlutados tentam tornar suas perdas visíveis no espaço público. A dor, até então, solitária e privada, torna-se uma experiência compartilhada. O luto se retira do espaço íntimo e solitário, no qual se tornou um drama pessoal e alcança o espaço público, onde o enlutado tem sua dor reconhecida e compartilhada.

As teorias contemporâneas sobre o luto ampliam o olhar sobre o processo, não mais o restringem a seus aspectos privados, afirmando a importância de destacar o contexto social e a participação da comunidade no desenvolvimento de um luto saudável, por meio do compartilhamento dos rituais.

Estudar os significados dos rituais na cultura ocidental brasileira, assim como as transformações destes no decorrer do tempo, mostra-se relevante, torna-se um passo importante para a compreensão do processo de luto mais amplo e para a abertura ao diálogo com a sociedade.

## Referências

- Ariès, P.(1977/2012). **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Livraria Saraiva de bolso.
- Bardin, L.(2011). **Análise de conteúdo**. 5ª edição. Lisboa: Ed. 70.
- Câmara, C.M.C. (2011). Os agentes funerários e a morte: o cuidado presente diante da vida ausente. Dissertação de mestrado não publicada, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal. <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17485>.
- Castro (2012). “Ao pó retornarás”: um olhar sobre os crematórios e a morte contemporânea. **Caderno de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, 13(102), 135-52. <http://dx.doi.org/10.5007/1984-8951.2012v13n102p135>.

- Chapple, A. e Ziebland, S. (2010). Viewing the body after bereavement due to a traumatic death: qualitative study in the UK. **BMJ**, 340:c2032, 1-11. doi: 10.1136/bmj.c2032.
- DaMatta, R. (2011). Apresentação. In: Van Genep, A. **Os ritos de passagem**. (pp 9-20). Petrópolis, Vozes: RJ.
- Davies, R. (2004). New understandings of parental grief: Literature review. **Journal. of Advanced Nursing**, 46(5), 506–513. doi: <https://doi.org/10.1111/j.1365-2648.2004.03024.x>.
- Denhup, C.Y. (2017). A New State of Being: The Lived Experience of Parental Bereavement. **Omega**, 74(3), 345-360. doi: 10.1177/0030222815598455.
- Elias, N.(2001). **A solidão dos moribundos**. Rio de Janeiro: Fiocruz.
- Endo, K.; Yonemoto, N. & Yamada, M (2015). Interventions for bereaved parents following a child's death: A systematic review **Palliative Medicine**, 29(7), 590-604. doi: 10.1177/0269216315576674.
- Foster, T.; Gilmer, M.; Davies, B.; Dietrich, M.; Barrera, M.; Fairclough, D.; Vannatta, K. & Gerhardt, C. (2011). Comparison of continuing bonds reported by parents and siblings after a child's death from cancer. **Death Studies**, 35, 420-440. <https://dx.doi.org/10.1080/2F07481187.2011.553308>.
- Franco, M. H. P. (2010). Por que estudar o luto na atualidade? In: Franco, M.H.P (org.). **Formação e rompimento de vínculos: o dilema das perdas na atualidade** (pp.17-42). São Paulo: Summus Editorial.
- Franqueira, A.M.R.; Magalhães, A.S e Féres-Carneiro, T. (2015). O luto pelo filho adulto sob a ótica das mães. **Estudos de Psicologia Campinas**, 32(3), 487-497. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-166X2015000300013>.
- Grisales, P.A (2016). Fazer visíveis as perdas. Morte, memória e cultura material. **Tempo Social**, 28(1), 85-104. <http://dx.doi.org/10.11606/0103-2070.ts.2016.106009>.
- Klass, D. (2015). Continuing bonds, society and human experience: family dead, hostile dead, political dead. **Omega**, 70(1) 99-117. doi: 10.2190/OM.70.1.i.
- Koury, M. G.P (2014). O luto no Brasil no final do século XX. **Caderno CRH**, 27(72), 593-612. <https://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792014000300010>.
- Lichtenthal, W.; Neimeyer, R.; Currier, J.; Roberts, K. & Jordan, N. (2013). Cause of Death and the Quest for Meaning After the Loss of a Child. **Death Studies**, 37: 311–342. doi: 10.1080/07481187.2012.673533
- Martins, G. (2001). **Laços atados. A morte do jovem no discurso materno**. Curitiba: Moinho do Verbo.
- Menezes, R.A e Gomes, C.E (2011). Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. **Revista de Antropologia**, 54 (1), 89.131. doi: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.2011.38585>
- Mowll, J.; Lobb, E. e Wearing, M. (2016). The transformative meanings of viewing or not viewing the body after sudden death. **Death Studies**, 40 (1), 46-53. doi: 10.1080/07481187.2015.1059385.

- Neimeyer, R. (2016). Meaning Reconstruction in the Wake of Loss: Evolution of a Research Program. **Behaviour Change**, 33(2), 65-79. <https://doi.org/10.1017/beh.2016.4>.
- Neimeyer, R.; Klass, D. e Dennis, M. R. (2014). A Social Constructionist Account of Grief: Loss and the Narration of Meaning. **Death Studies**, 38, 485–498. doi: 10.1080/07481187.2014.913454.
- Neimeyer, R. (2014). The Narrative Arc of Tragic Loss: Grief and the Reconstruction of Meaning. *International Journal of Existential*, 5(1), 27-32. <http://journal.existentialpsychology.org/index.php/ExPsy/article/view/199>.
- Parkes, C. M. (2009). **Amor e perda: as raízes do luto e suas complicações**. São Paulo: Summus Editorial.
- Peirano, M.G.S. (2006). **Rituais ontem e hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- Dumará: Núcleo de Antropologia da Política/UFRJ, 2001.
- Pinho, M. X. (2015). O rito (fúnebre) individual do neurótico em tempos de dessocialização da morte e do luto: Uma leitura psicanalítica das tatuagens in memoriam. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17124>.
- Rando, T. (1986). **Parental loss of a child**. Illinois: Research Press.
- Santino, J. (2006). Performative commemoratives: Spontaneous shrines and the public memorialization of death. In J. Santino (Ed.), **Spontaneous shrines and the public memorialization of death** (pp. 5-16). New York: Palgrave Macmillan.
- Segalen, M. (2002). **Ritos e rituais contemporâneos**. São Paulo: FGV.
- Stroebe, M.; Schut, H. & Finkenauer, C. (2013). Parents coping with the death of their child: From individual to interpersonal to interactive perspectives. **Family Science**, 4(1).28-36. <http://dx.doi.org/10.1080/19424620.2013.819229>
- Veras, L. (2015). **Aqui se jaz, aqui se paga. A mercantilização da morte, do morrer e do luto**. Curitiba: Appris.
- Walter, T. (2008). The new public mourning. In M. Stroebe, R. Hansson, H. Schut & W. Stroebe (org.). **Handbook of bereavement research and practice advanced in theory and intervention** (pp. 241-262). Washington: American Psychological Association.
- Walter, T. (2010). Grief and culture. **Bereavement Care**, 29(2), 5-9. <http://dx.doi.org/10.1080/02682621003707431>.
- Waiselfisz, J.J.(2013). Mapa da Violência. Disponível em: <http://www.mapadaviolencia.org.br>
- Worden, W. (1998). **Terapia do luto**. Porto Alegre. Artes Médicas.